
No ano de 1894, uma carta de Saussure a Meillet*

Cristina Altmanⁱ

Resumo: A pretexto de contextualizar a propalada carta de Ferdinand de Saussure (1857-1913) a Antoine Meillet (1866-1936), em 1894, o texto revisita alguns temas da linguística saussuriana das últimas décadas do século XIX: a Linguística Indo-Europeia; o sistema vocálico do indo-europeu primitivo; os *coeficientes sonânticos*; a acentuação e a entonação do lituano; a insatisfação com o estado da arte linguística e a proposição, ainda incipiente, de uma Linguística Geral que fornecesse instrumentos conceptuais para a análise, descrição e explicação do milharal de dados que o século XX herdou dos seus antecessores. A conclusão aponta para o interesse em se rever os critérios de periodização das historiografias linguísticas tradicionais que, em geral, apontam o *Curso de Linguística Geral* (Saussure, 1916), como o grande *shibboleth* entre a Linguística Histórico-Comparativa e a Linguística Sincrônica ‘moderna’.

Palavras-chave: linguística indo-europeia; vocalismo indo-europeu; Mémoire 1879, Saussure; paradigmas da linguística.

* DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4016.esse.2023.214524>. Meus agradecimentos aos colegas editores do volume temático da revista *Estudos Semióticos. A semiótica e suas fontes: um olhar metasemiótico*, Lorenzo Cigana, Patrícia Veronica Moreira e Estanislao Sofia. Agradeço, ainda, aos colegas que acompanharam a elaboração deste texto com sugestões, correções, esclarecimentos, John Joseph, Márcio Guimarães, e Edgard Bikelis. Escusado dizer que os erros que restam são meus.

ⁱ Professora Titular do Departamento de Linguística da Universidade de São Paulo, São Paulo-SP, Brasil. E-mail: altman@usp.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5121-4282>.

Introdução

Do ponto de vista privilegiado do presente, o ano de 1894, data da primeira carta de Ferdinand de Saussure (1857-1913) a Antoine Meillet (1866-1936), na edição de Benveniste (1964, p. 93-123), simboliza, a meu ver, um ponto de inflexão importante no percurso pessoal e intelectual de Saussure. Com efeito, a carta testemunha o cruzamento do brilhante filólogo histórico-comparatista que foi, com o celebrado teórico da Linguística Geral do século XX que viria a ser: Saussure foi um dos primeiros, se não o primeiro, linguistas a estabelecer o lugar da Linguística entre as outras ciências, definindo, com clareza, seu objeto, objetivos e método (Swiggers, 2008b).¹

Após seus estudos em Leipzig (1876-1880),² intercalados por uma curta temporada em Berlin (nov. 1878 - abr. 1879), Saussure foi para Paris, onde ministrou aulas na *École Pratique des Hautes Études*, de 1881 a 1891, e de onde saiu para exercer uma cátedra temporária³ na Universidade de Genebra. No momento da carta, pois, Saussure já estava há três anos em Genebra, e Meillet, seu ex-aluno de Paris, ministrava na *École Pratique*, em seu lugar, parte das aulas de gramática comparada, ao mesmo tempo em que ampliava o escopo das suas pesquisas para outros grupos de línguas. Com efeito, além do armênio e das línguas eslavas, Meillet se dedicara ao estudo das línguas indo-iranianas, celtas e itálicas (Swiggers, 2008a).

Nas seções que se seguem, contextualizo trechos da carta de 1894 do ponto de vista do seu emissor, ou seja, da perspectiva de Saussure. Deixo, por ora, o não menos admirável Meillet, figura igualmente proeminente em Linguística Comparada e Geral, em suspenso. As relações Saussure-Meillet requerem um estudo próprio. Mesmo assim, não será demais lembrar que se, em 1894, a relação entre ambos era aquela entre mestre e discípulo, a partir de então Saussure e Meillet passaram a se tratar como amigos, o que de fato foram; embora, como cavalheiros do século XIX que também o eram, tivessem sempre mantido o *'vous'*, mais formal, como forma de tratamento. *Noblesse oblige*.

¹ Palestra proferida na Universidade de São Paulo, em abril de 2008, promovida pelo Centro de Documentação em Historiografia Linguística (CEDOCH), do Departamento de Linguística da Universidade de São Paulo. (cf. Swiggers, 2008b).

² Onde fora aluno de August Leskien (1840-1916) (filologia eslava), e de quem teria recebido as primeiras informações sobre o acento do lituano no seu desenvolvimento histórico; Ernst Windisch (1843-1918) (sânscrito e celta); Karl Brugmann (1849-1919) (linguística comparativa indo-europeia); Georg von der Gabelenz (1849-1893) (linguística geral), entre outros (vide Morpurgo-Davies, 1994, p. 226-227).

³ O termo é *'professeur extraordinaire'*. Saussure deixou a *École Pratique des Hautes Études* em 1890 para assumir uma posição temporária na Universidade de Genebra, como professor de línguas indo-europeias (cf. Joseph, 2012, p. 375-380).

1. A carta de 1894 de Saussure a Meillet⁴

[4 de janeiro de 1894]⁵

Caro Sr. Meillet,

O senhor me fez sentir bem ao mencionar sua *epistolofobia*, quase no início da sua carta de novembro, pela qual vejo que falo com alguém capaz de desculpar a minha própria. No mais, parece que, no senhor, e estou feliz por isso, o mal ainda não evoluiu para sua fase mais aguda. Falando sério, fiquei comovido com sua carta, tanto quanto fiquei aborrecido com minha má sorte em Paris. [Por um lado,] não me perdoei até agora por não ter marcado um encontro com o senhor com antecedência. Por outro lado, minha passagem por Paris dependia de várias circunstâncias e eu poderia ter sido obrigado, no último momento, a adiá-la por três dias. Foi isso que me dissuadiu de lhe escrever informando sobre a minha visita, eu estava muito incerto sobre a data.

Fiquei muito curioso e interessado em ouvir suas novas e diferentes teorias do acento. Os detalhes sobre os quais o senhor me escreve só dão uma ideia ainda muito vaga, por exemplo, sobre o que pode ser este seu acento de intensidade do grego e a maneira pela qual ele se distribui pelas sílabas. Se a existência deste acento se confirmar, entendo perfeitamente que acarrete efeitos fonéticos, embora continue bastante cético quanto ao lugar dos alegados efeitos fonéticos do acento [em grego], tal como conhecido até agora; por exemplo, quando Wackernagel⁶ defende que [o grego] *-ers-* dá, ou *-ers-*, ou *-eir-*, dependendo das condições do acento, ou quando Frankfurter⁷ quer que os dois tratamentos de *voga/* [em grego] + *-rj-* ou *-nj-* (em *kʰaírō*, com epêntese, mas *ph̥th̥eírō* = *ph̥th̥ērō*, sem epêntese) dependam igualmente de condições tônicas.⁸

Eu coloco um ponto de interrogação, quero dizer, de curiosidade ainda maior quando vejo que a queda do *e* indo-europeu não depende mais do tom. Vejamos: há muitas quedas de *e* que não coincidem de jeito nenhum com o tom, mas o senhor dá a entender que é justamente lá, onde a convergência [entre os dois elementos] parece clara, que o senhor nega a relação de causa e efeito. Assim, suponho, em *imés* comparado a *éimi*??

⁴ A menos que diferentemente indicado, as notas que acompanham o texto são da articulista (CA).

⁵ A data de 1894, publicada ao final desta carta (*Sources manuscrites*, p. 31) por M. Godel, foi corretamente inferida por ele, a partir da alusão ao *X Congresso de Orientalistas*, que se realizou em Genebra em setembro de 1894 (n. Émile Benveniste = EB).

⁶ Jacob Wackernagel (1853-1938), afilhado de Jacob Grimm (1785-1863), estudioso de Filologia Clássica e Germânica, foi professor das universidades de Göttingen (Alemanha) e Basel (Suíça). No período da carta, seu nome já designava duas leis: a primeira, de 1882, sobre a ordem inter-palavras da frase indo-europeia, e a segunda, de 1889, sobre o alongamento das vogais na segunda posição de um composto em grego (Golston, 2014, p. 513 ss).

⁷ Oskar Frankfurter (1852-1922).

⁸ “Segundo Wackernagel e Frankfurter, a posição do acento determinaria se haveria, ou não, em grego, a epêntese de um **i* (como em **kʰariō* > **kʰaírō*, ou a simples dissimilação desse *i*, com alargamento compensatório da vogal da raiz (como em **ph̥th̥eírō* > **ph̥th̥ērō*). No caso de **ers-*, a epêntese permitiria o apagamento do **s*, dando *eir-*. Sem epêntese, o **s* não se apaga, e com a dissimilação do **i*, teríamos **ers*.” (Márcio Guimarães, comunicação pessoal).

A propósito do acento, o senhor viu que Wackernagel, em seu trabalho mais recente sobre o acento grego, muito interessante, o cumprimentou pela explicação do [grego] de *entháde*, lamentando, ao mesmo tempo, a forma muito resumida com que foi concebida.⁹ Receio, cá entre nós que, no fundo, tenha havido um mal-entendido e que sua ideia não seja de jeito nenhum a dele.

Comecei a ler o seu segundo artigo sobre as guturais,¹⁰ mas fui interrompido pelas festas de fim de ano, que me impediram de me dedicar a ele por uma quinzena. Estou no momento em Genebra, e voltarei a Malagny só no dia 20 de janeiro.

O senhor terá recebido por esses dias a circular do convite para o X Congresso de Orientalistas, e não preciso lhe dizer o quanto eu acalento a esperança de encontrá-lo lá. Seria verdadeiramente muita pena se algum dos nossos amigos de Paris faltasse a esta festa e, certamente sem fazer intervir meu desejo pessoal, acredito que cada um encontrará lá uma oportunidade muito boa, muito natural, de travar conhecimento com todas as figuras importantes das [várias] especialidades [presentes], bastante mais difícil de acontecer depois. A das línguas indo-europeias estará muito bem representada, se comparada com os Congressos anteriores; aliás, o senhor é duplamente habilitado para participar do Congresso, como armenista, portanto, como orientalista propriamente dito, ou como simples ‘linguista comparatista’, que é meu pobre título a figurar no Comitê organizador, não sei realmente por que, pois nunca fiz orientalismo. Como, de resto, teremos sobretudo linguistas no Comitê Geral Suíço que constituímos, é de se prever, como eu dizia, que haverá sessões de indo-germanismo. Duvido um pouco que Brugmann¹¹ etc... compareçam.

O início de meu artigo sobre entonação vai ser publicado.^{12 13} O segundo artigo completará o que eu quero dizer sobre entonação e conterà, em segundo lugar,¹⁴ minhas observações sobre a acentuação, assim como sobre a *entonação letã* que é (eu lhe disse?..) um efeito da *acentuação – sem relação com a entonação lituana!*¹⁵ Mas estou bem desgostoso disso tudo, e da dificuldade que existe, em geral, de escrever 10 linhas que sejam, que sigam o senso comum em matéria de fatos de linguagem. Preocupado, sobretudo, há muito tempo, com a classificação lógica desses fatos, com a classificação dos pontos de vista sob os quais nós os

⁹ J[acob] Wackernagel, *Beiträge zur Lehre vom griechischen Akzent* [Contribuições para o estudo do acento em grego], 1893, p. 25 = Kleine Schriften, II, p. 1094, n. 1. (n. EB)

¹⁰ V. Meillet, 1894.

¹¹ Karl Brugmann (1849-1919). Figura proeminente no desenvolvimento da Linguística Indo-Europeia. As seções seguintes retomarão em boa parte o papel de Brugmann no percurso de Saussure.

¹² M. Godel citou as linhas que seguem a partir de uma cópia que é inexata em vários lugares [v. ms abaixo]: notadamente aquele em que Saussure confessa “a grande *vaidade* (e não: *variedade*) de tudo o que se pode finalmente fazer em linguística.” Há também palavras omitidas: “sem *cessar*...”; “sem entusiasmo *nem paixão*”. Eu [i.e., Benveniste] transcrevi o texto já retificado CFS 20, p. 13 (1963), (EB).

¹³ V. Saussure, 1894.

¹⁴ No original, “et contiendra **2o** mes remarques sur l’accentuation ...” (grifo meu), onde 2o (latim) é abreviação de secundo, que se emprega em correlação com primo. V. Grand Robert “**cit.**; → **aussi Capital, cit. 8; édification, cit. 2)**, et s’écrit souvent **2o**” (Edgard Bikelis, em conversa pessoal).

¹⁵ No original, *intonation lette*, i.e., entonação letã, ou leta, em português. “O letão, diferentemente do seu parente próximo, o lituano, possui um acento de intensidade fixo na primeira sílaba da palavra. As vogais longas e os ditongos conservam o seu tom não importa em que lugar da palavra ocorram” (Márcio Guimarães, comunicação pessoal).

tratamos, eu vejo cada vez mais a imensidão do trabalho que seria necessário para mostrar ao linguista *o que ele faz*, reduzindo cada operação à sua categoria prevista; e ao mesmo tempo [sentindo] a grande vaidade por tudo o que se pode finalmente fazer em linguística.

Este, em última análise, é somente o lado pitoresco de uma língua, aquele que faz com que ela difira de todas as outras, como pertencer a certo povo que tenha certas origens, é este lado quase etnográfico, que conserva interesse para mim: e, justamente, não tenho mais o prazer de poder me dedicar a este estudo sem pensar duas vezes, e de apreciar um fato particular relativo a um lugar particular.

Sem cessar, a inépcia absoluta da terminologia corrente, a necessidade da reforma, e [a necessidade] de mostrar através dela que espécie de objeto é a língua de maneira geral, acaba estragando meu prazer histórico, embora meu maior desejo seja não ter que me ocupar da língua em geral.

Isto terminará, contra minha vontade, em um livro em que, sem entusiasmo nem paixão, eu explicarei por que não há um só termo empregado em linguística ao qual eu conceda um sentido qualquer. E não é senão depois disso, confesso, que poderei retomar meu trabalho no ponto onde o deixei.

Eis um projeto, talvez absurdo, mas que explicaria a Duvau¹⁶ por que, por exemplo, eu arrastei por mais de um ano a publicação de um artigo que não oferecia, materialmente, nenhuma dificuldade – sem conseguir, aliás, evitar as expressões logicamente odiosas, porque seria necessário para isso uma reforma decididamente radical.

Eu lhe desejo, Sr. Meillet, os melhores votos para o ano novo, e peço-lhe que me creia

Afetuosamente devotado

Ferdinand de Saussure

4 de janeiro

Permita-me um pequeno *post-scriptum*. O senhor prefere se dirigir a mim como seu mestre, fico muito lisonjeado por merecer este título no que quer que seja. Mas dou mais importância ainda a um outro, se o senhor concordar, daqui em diante nos trataremos como amigos.

2. Em busca do primitivo indo-europeu

A historiografia sobre a Linguística do século XIX é tão rica quanto a ciência que descreve. O recorte que nela efetuo – em torno de 1894 – situa Saussure no contexto dos *Junggrammatiker* [*Jovens gramáticos*] de Leipzig, grupo em evidência nos últimos 25 anos do século, dentro do quadro de trabalho da gramática histórico-comparativa.¹⁷ Este programa, que internacionalizou a

¹⁶ Louis Duveau (1864-1903), ex-aluno de Saussure e, então, administrador da *Société de Linguistique*, que cuidava da publicação dos *mémoires*.

¹⁷ “Estes ‘jovens turcos’ da gramática comparada se opunham às abordagens psicológicas e biológicas da linguagem, e se ocupavam das suas leis evolutivas, ligadas ao mecanismo articulatório: donde o interesse

linguística alemã, uniu a linguística europeia em torno do objetivo comum de reconstruir, com refinadíssimo rigor técnico, o primitivo indo-europeu, ou, como modernamente se diz, o proto-indo-europeu (PIE).

Faziam parte do jovem grupo de Leipzig, que gravitava em torno do indo-europeísta e eslavista August Leskien:¹⁸ Karl Brugmann (1849-1919), Hermann Osthoff (1847-1909), Berthold Delbrück (1842-1922), Hermann Paul (1846-1921), entre outros.¹⁹ O problema crucial desta geração de linguistas era o estabelecimento da estrutura gramatical do primitivo indo-europeu, da sua etimologia, e a reinterpretção do seu vocalismo, programa de investigação inaugurado por Franz Bopp (1791-1867), e desenvolvido pelas gerações seguintes: além da dos *jovens gramáticos*, a dos mestres que os antecederam, Georg Curtius (1820-1885), August Schleicher (1821-1868), Heymann Steinthal (1823-1899) e Friedrich Max Müller (1823-1900).

2.1 A centralidade do sânscrito

Desde as primeiras aproximações entre sânscrito, grego, latim e germânico (cf., entre outros, o inglês *Sir* William Jones [1746-1794], em 1786; o alemão Friedrich von Schlegel [1772-1829], em 1808,²⁰ além do próprio Bopp, em 1816),²¹ o sânscrito ocupou lugar central nas investigações dos comparatistas.

Com efeito, o sânscrito conservava um sistema consonântico e um sistema morfológico tais que, a partir deles, pensavam os comparatistas, era possível vislumbrar como teria sido o indo-europeu. Além disso, havia a grande vantagem de a fonética e a gramática da língua terem sido anteriormente analisadas em detalhes por gramáticos hindus. Tal aproximação difundiu a ideia de que a fonética e a morfologia arcaica do sânscrito clássico representavam as formas mais próximas da língua originária. Descrevê-las, portanto, seria como descrever o indo-europeu.

Essa primazia conferida ao sânscrito foi, aliás, um dos ‘erros’ da linguística destacados por Saussure na introdução aos três cursos orais de Linguística Geral, que ministrou em Genebra (1907, 1908-1909, 1910-1911).²² Resumidamente,

conferido às evoluções fonéticas e à sua base fisiológica. O argumento de peso a favor dos neogramáticos é que foram capazes de identificar e formular leis fonéticas (*Lautgesetze*). Sua ação [i.e. a ação das leis] seria universalmente idêntica: tratava-se, pois, do princípio do *uniformitarianismo* que subjaz à prática dos comparatistas” (Swiggers, 2017, p. 5).

¹⁸ “[...] la doctrine que M. Leskien avait formulée l’année précédente dans son livre sur la déclinaison en letto-slave (Leipzig, 1876): «Dans la recherche, je suis parti du principe que la forme qui nous est transmise d’un cas ne repose jamais sur une exception aux lois phonétiques suivies par ailleurs... Admettre des déviations arbitraires, fortuites, impossibles à coordonner, c’est dire au fond que l’objet de la recherche, la langue, est inaccessible à la science.»” (Meillet, 1903, p. 402).

¹⁹ Sigo Morpurgo Davies (1994, p. 227); Koerner (1988, p. 5 ss); Meillet (1903, p. 402 ss).

²⁰ Cf. Schlegel, 1808.

²¹ Cf. Bopp, 1816.

²² Para Márcio Guimarães (comunicação pessoal), Brugmann e, antes dele, outros, também ressaltaram este erro, principalmente porque as reconstruções de Schleicher foram muito baseadas no sânscrito. Nas últimas

dizia Saussure, o primeiro erro dos linguistas que estudavam a evolução das línguas pelo método comparativo foi atribuir uma importância exagerada ao papel do sânscrito no estudo do indo-europeu. Na sua versão mais grave, insistia ele, esse erro consistiu em atribuir ao sânscrito o lugar de língua indo-europeia primitiva (v. Altman, 2013; Sofia, 2017, p. 53). Embora essa afirmação não tenha sido formulada diretamente dessa maneira em nenhum lugar, na prática, os estudiosos do período procederam como se ela fosse verdadeira, reconheceu Saussure no seu segundo curso oral (1908-1909), isto é, “[...] como se o sânscrito se identificasse com o indo-europeu. Havia um sânscrito enorme e, ao lado, um gregozinho, um latinzinho, etc. (irmãozinhos do grande sânscrito)”²³ (Riedlinger, *Cahier VI apud* Komatsu; Wolf, 1997, p. 79, Curso Oral de Saussure, II).

O importante a ressaltar é que o ‘quebra-cabeça’ dessa geração tinha uma solução e um caminho pré-estabelecido para resolvê-lo: era preciso conhecer o sistema de conjugação do antigo sânscrito, compará-lo com as conjugações do grego, do latim, do germânico e, assim, chegar à sua forma original, primitiva, a mais pura e menos corrompida possível (Meillet, 1903, p. 389). Evidentemente este programa de investigação não nasceu pronto e, entre a ideia inicial de Bopp e a elaboração das leis fonéticas dos *Junggrammatiker*, vários grupos de línguas foram descobertos, comparados, estabelecidos e, principalmente, colocados em perspectiva histórica.

Assim foi que o século XIX europeu deslocou a análise linguística que se fazia nos séculos anteriores por concepções *a priori* (ex. aplicação da teorias das proposições, dos juízos e da lógica formal, por exemplo), para a observação direta, como estava sendo feito no estudo dos fatos físicos ou químicos: “Quando se *observa* uma instituição social, percebe-se facilmente que ela é o produto de toda uma série de ações sucessivas: *não se pode, pois, explicá-la sem fazer a sua história*”²⁴ (Meillet, 1903, p. 385, grifos meus). Ou seja, a explicação do fato linguístico só seria (cientificamente) possível a partir do exame metódico dos seus antecedentes históricos. Ater-se aos chamados fatos *positivos*, em vez de generalizações vagas, renovou o estudo das línguas e dos seus métodos. A partir de Bopp, aos linguistas caberia mapear detalhadamente as formas de cada língua; reconstituir sua fonética; elaborar uma teoria do uso das formas e da frase, da etimologia e, sobretudo, acabar com as vãs especulações sobre a origem das línguas (Meillet, 1903, p. 391).²⁵

décadas do século XIX, essa questão já era consenso na Linguística indo-europeia como um todo. Aliás Bopp, em um artigo de 1820, já alertara para o fato de que nem sempre a forma mais próxima da língua originária se encontrava no sânscrito.

²³ No original: “[...] comme si le sanscrit s’identifiait avec l’indo-européen. Il y avait un tout grand sanscrit et un tout petit grec, latin, etc. (petits frères du grand sanscrit) à côté”.

²⁴ No original (grifos meus): “Quand on **observe** une institution sociale, on aperçoit aisément qu’elle est le produit de toute une série d’actions successives: **on ne peut donc l’expliquer sans en faire l’histoire**”.

²⁵ Com efeito, a *Société Linguistique de Paris* não aceitava mais comunicações sobre a origem da linguagem desde 1866 (vide também Borges Neto, 2020).

Para efeitos deste artigo, é pertinente sublinhar a efervescência do clima intelectual europeu dos anos 1890, sobretudo. A comunidade acadêmica da linguística indo-europeia compartilhava, há bem mais de meio século, análises, reanálises, exemplos e contraexemplos, argumentos, problemas, de modo tal que, para ser praticada, exigia dos interessados a revisão constante dos estudos anteriores e o acompanhamento atento dos avanços dos seus pares. Uma vez reconhecidas pela maioria relevante, as descobertas de um estudioso assumiam o formato de uma lei que recebia seu nome e passava a valer como condição prévia para o estabelecimento de novos fatos, ou seja, era preciso estar a par de cada nova peça que se encaixava no quebra-cabeça como um todo.

2.2 As vogais do indo-europeu

Um dos problemas a serem reanalisados e estabelecidos por esta geração de fim de século dizia respeito às vogais do indo-europeu. Quais seriam elas e como deram origem a todas as outras vogais das línguas indo-europeias conhecidas, a leste (Ásia) e a oeste (Europa)?

Curtius, que chegou ao último quartel do século XIX como um dos grandes *gatekeepers* da ciência da linguagem europeia, havia observado que a vogal *e* aparece no mesmo lugar em todas as línguas da Europa, logo, para ele, seu desenvolvimento não poderia ter acontecido de forma isolada, i.e., em uma língua de cada vez. Como se pensava até este momento que a língua mãe, o indo-europeu, possuísse 3 vogais – *a*, *i*, *u* – Curtius presumiu que todos os povos europeus teriam passado por um período comum, falando uma única e mesma língua (= período europeu), depois de separados dos seus irmãos asiáticos. Dessa maneira, Curtius postulou que uma parte dos *a* do indo-europeu teria se enfraquecido em *e*, e outra parte teria permanecido como *a*. Mais tarde, com a evolução das línguas, este *a* teria se cindido novamente e dado origem a *o*. Assim, para Curtius, esquematicamente, a evolução das línguas europeias teria seguido os seguintes estágios (cf. Saussure 1987 [1879], p. 2-3):

IE	=	<i>a</i>	<i>ā</i>
Europeu	=	<i>a; e</i>	<i>ā</i>
Posteriormente	=	<i>a o; e</i>	<i>ā</i>

Sistema de Curtius para as vogais das línguas europeias
(*apud* Saussure, 1987 [1879], p. 3), donde *a* = breve e *ā* = longo

Parte das questões que os estudiosos se colocavam, pois, era relativamente a este *a* único do indo-europeu: como ele teria se cindido duas vezes e dado origem a dois sons [*e*, *o*] tão diferentes nas línguas europeias? Até que ponto a

hipótese de um único *a* no indo-europeu dava conta dos fatos observados nas línguas-filhas? Teria havido estágios anteriores? Posteriores? Teria havido outros sons originários?

Brugmann (1876), por exemplo, diferentemente de Curtius, postulou a existência não de um, mas de dois *a* originários, que chamou de *a*₁ e *a*₂, em um estágio de evolução anterior ao período europeu, ou seja, *antes que* os europeus tivessem se separado dos seus irmãos asiáticos. Embora representados pela mesma letra *a* na tradição escrita do sânscrito e do Zenda,²⁶ Brugmann postulou que este *a escrito* correspondia a *dois sons diferentes*: o *a*₁, mais frontal, semelhante ao que representaríamos hoje por [æ], ou *e-colored*, como diziam os indo-europeístas (Joseph, 2012a, p. 205), e o *a*₂, que seria o som *a* propriamente dito. Como no esquema abaixo:

$$\begin{array}{l}
 \text{(a)} \\
 \text{IE} \quad = \quad a_1 \quad a_2 \quad \bar{a} \\
 \text{Europeu} \quad = \quad e \quad a \quad \bar{a}
 \end{array}$$

Sistema de Brugmann (1876) para o sistema vocálico das línguas europeias
 (*apud* Saussure, 1987 [1879], p. 5), donde *a* = breve e *ā* = longo

Este *a*₁ seria a origem do *e* europeu, ligeiramente diferente do *a* do ramo asiático das línguas indo-europeias, mas não diferente o bastante para requerer outra 'letra' como representação. O *a*₂ continuou sendo **percebido e escrito** como *a*, tanto nas línguas asiáticas, quanto no grego, nas línguas germânicas e no lituano, i.e., mesmo quando se desenvolveu mais tarde em *o* e *u* nas línguas europeias mais a oeste e ao norte.

Assim, para Brugmann, o *a* das línguas clássicas (latim, grego) não era a fonte dos *a* das línguas indo-europeias, era um desenvolvimento posterior. O *a* original do indo-europeu eram dois: *a*₁ e *a*₂, compondo, assim, um sistema de quatro vogais: *a*₁, *a*₂, *i*, *u*, e mais 2 nasais sonantes, *ṃ ṅ*,²⁷ isto é, sons consonânticos que fizeram parte da formação das vogais, em um determinado momento da sua evolução.

Como os argumentos e os dados que fundavam as leis fonéticas dependiam, para sua validação, da sua adequação a diferentes grupos de línguas, em diferentes estágios de evolução, os linguistas agiam em cadeia, e rápido, caso quisessem ver o reconhecimento público dos seus esforços. Propor uma análise original, consistente, e argumentar com exemplos e contraexemplos antes do que os outros significava resolver um problema e ter, em consequência, seu nome consagrado como o autor de uma lei. Saussure não era alheio a esta dinâmica, e

²⁶ Ou Avéstico, língua iraniana, próxima do sânscrito.

²⁷ As *nasais sonantes* de Brugmann (1876) [ṃ, ṅ], e as *líquidas sonantes* de Osthoff [r̥, l̥] eram um dispositivo teórico-descritivo que permitia postular, independentemente da sua realização fonética, a existência de uma vogal hipotética na sílaba de uma língua, permitindo, assim, a reconstrução consistente de toda uma cadeia de sons (vide resenha de Joseph 2012a, p. 204-212, para detalhes).

a elaboração frenética do seu *Mémoire*, em 1878-1879, pode ser em parte interpretada neste contexto. Era preciso concluir sua dissertação rapidamente e demonstrar a existência de *coeficientes sonânticos*²⁸ no indo-europeu, antes que Brugmann, por exemplo, o fizesse.

3. O estado da arte

Dentre as contribuições dessa geração para a constituição de uma Linguística Histórico-Comparativa e de uma Linguística Geral, os historiógrafos atuais unanimemente destacam o nome de Saussure e de seu magistral trabalho sobre o sistema das vogais do indo-europeu, publicado sob o título de *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes* (vide Saussure, 1987 [1879]). Embora a recepção do círculo de Leipzig ao *Mémoire* tenha sido negativa, ou até mesmo hostil, outros círculos de Linguística, como o de Göttingen, por exemplo, teriam apreciado, no geral, a primeira edição do livro. Mas foi a geração seguinte de indo-europeístas, à qual pertencia, entre outros, Meillet, que elevou o *Mémoire* à categoria de *opera-prima*. É notória sua dedicatória a Saussure na sua *Introduction à l'étude comparative des langues indo-européennes*: “A meu mestre Ferdinand de Saussure por ocasião dos 25 anos da publicação do *Mémoire*... (1879-1903)”²⁹ (Meillet, 1903, p. 5; vide também Koerner, 1988, p. 137-139, para um elenco mais completo das resenhas sobre o *Mémoire*.)

Com efeito, o *Mémoire*

[...] instaurou um quadro de trabalho radicalmente novo, no qual a gramática comparada foi capturada na sua verdadeira natureza: a de um sistema de relações entre unidades que se atribui a uma protolíngua, através do jogo de correspondências entre fatos observados em estados de línguas historicamente dispersos (Swiggers, 2017, p. 11).

Em 1894, o problema da formação das vogais do indo-europeu ainda estava em discussão, mesmo que, do seu ponto de vista, Saussure já tivesse resolvido a questão em 1879, e tratado do problema do vocalismo indo-europeu em pelo menos mais duas ocasiões depois disso: no *Essai d'une distinction des différents a indo-européens* [Tentativa de distinção dos diferentes *a* do indo-europeu] (Saussure,

²⁸ “Na descrição tradicional do sânscrito as consoantes ⟨y r l v⟩, chamadas ‘semivogais’, tornam-se as vogais ⟨i r̥ l̥ u⟩ quando ocorrem entre consoantes, ou entre consoante e fronteira de palavra. A proposição das *nasais sonantes* [Brugmann, 1876] possibilitou que, além desses quatro fonemas [vocálicos], o mesmo fenômeno fosse observado em relação às consoantes nasais do PIE, ⟨m n⟩ ~ ⟨m̥ n̥⟩, que passaram a ser reconstruídas da mesma maneira. A todos esses seis fonemas [i r̥ l̥ u m̥ n̥], Saussure deu o nome de *coeficientes sonânticos*, porque todos podem se tornar sonantes, *ie.*, núcleos silábicos. Saussure, no *Mémoire*, reconstruiu ainda dois novos fonemas, *A q* que Hermann Möller (1850-1923) reinterpretou como laringais, notadas até hoje pelos símbolos *h₁ h₂ h₃*.” (Adaptado de Bikelis, 2023, p. 42; vide também Koerner, 1988, p. 146-147; Swiggers, 2017, p. 6)).

²⁹ No original: “À mon maître Ferdinand de Saussure à l'occasion des vingt-cinq ans depuis la publication du *Mémoire*... (1878-1903)”.

1887); e nos estudos sobre o lituano (Saussure, 1922 [1894]; 1922 [1896]), a que se refere na carta. Voltarei a esses estudos nas seções seguintes.

3.1 O hot point

O *Essai* de 1877, proferido nas reuniões da *Société Linguistique de Paris* um ano após a publicação de Brugmann (1876), assinalou, segundo seus leitores modernos, uma mudança relevante no estudo das formas das línguas indo-europeias. Diferentemente do que havia feito até então, Saussure passou a tratar as formas do vocalismo indo-europeu não mais nos limites de uma língua, mas sim como elementos constitutivos de sistemas mais gerais, de toda a família indo-europeia, inspirado diretamente, segundo Joseph (2012a, p. 204), no artigo de Brugmann (1876) sobre as nasais sonantes. O que Brugmann demonstrara foi que os fonemas do indo-europeu, definidos pela correspondência entre [skr]. *a*, [gr.] α , [lat.] *en*, [got.] *un*, [lit.] *in*; e [skr.] *a*, [gr.] α , [lat.] *em*, [got.] *um*, [lit.] *im*, exerciam nos elementos morfológicos que possuíam *n* e *m* o mesmo papel que o ζ do sânscrito exercia nos elementos que continham *r* (Meillet, 1903, p. 405). Ora, a conclusão de Brugmann foi que houve um η m [sonantes] no indo-europeu, ou seja, *n*, *m* vogais, e *n*, *m* consoantes. Meillet enfatizou que essa proposição de Brugmann contribuiu muito para a compreensão do vocalismo indo-europeu, na medida em que demonstrou como o *a* do sânscrito e o α do grego eram, na verdade, ‘falsas unidades’ orgânicas. Tratava-se, na verdade, de elementos heterogêneos.

Por alguma razão, entretanto, aponta Joseph, Saussure não mencionou as conclusões de Brugmann na sua comunicação de 1877 (v. também Koerner, 1971, p. 22) e nem, muito menos, as adotou. Preferiu a interpretação tradicional de que no indo-europeu o som consonântico nasal era precedido de uma vogal. Seu reconhecimento explícito do valor heurístico das nasais sonantes de Brugmann só viria um pouco mais tarde, em 1879, depois de madura reflexão, como ele mesmo diz. Leia-se sua declaração logo no início do *Mémoire*.

Sou obrigado a retirar várias das opiniões que emiti em um artigo [publicado] nas comunicações da Sociedade Linguística de Paris intitulado: “Tentativa de distinção dos diferentes *a* indo-europeus.” Em particular, a semelhança de *Ar* com os fonemas derivados de ζ me conduziram a rejeitar, bastante a contragosto, a teoria das líquidas [postuladas por Osthoff] e das nasais sonantes [postuladas por Brugmann] à qual me voltei após madura reflexão. (Saussure, 1987 [1879], p. 2).³⁰

Como quer que tenha sido, a proximidade temporal e espacial dos trabalhos (todos os envolvidos, afinal, eram de Leipzig), o de Brugmann (1876), o de

³⁰ “Je suis obligé de retirer plusieurs des opinions que j’ai émises dans un article des Mémoires de la Société de Linguistique de Paris intitulé : « Essai d’une distinction des différents *a* indo-européens ». En particulier la ressemblance de *Ar* avec les phonèmes sortis de ζ m’avait conduit à rejeter, fort à contre-coeur, la théorie des liquides et nasales sonantes à laquelle je suis revenu après mûre réflexion”.

Osthoff (1876), e os de Saussure (1877, 1878-1879), provocaram ruídos na relação entre eles, aliás, entre Saussure e todo o grupo dos *jovens gramáticos*. Certamente esses desencontros estão na origem do comentário de Saussure na carta sobre a esperada ausência de Brugmann e dos demais no *X Congresso de Orientalistas*, em setembro daquele ano em Genebra. O *Mémoire* não fora bem recebido pelo grupo de Leipzig, como sabemos, notadamente por Osthoff, que o acusara, inclusive, de plágio.³¹

3.2 A ‘novidade’ de 1879

Só hoje alcanço em toda extensão e profundidade a observação de Koerner (1975), entre vários outros historiógrafos, de que Saussure contribuiu para as ciências da linguagem muito mais pelo que foi capaz de sintetizar e de extrair do conhecimento que havia sido produzido pelos seus antecessores e contemporâneos do que pelas suas inovações. Com efeito, na avaliação de Meillet (1903, p. 406), foi Saussure quem formulou a teoria do vocalismo europeu de forma definitiva, sintetizando todas as contribuições dos linguistas anteriores desde o início do século.

Saussure observara que, em todos os sistemas vocálicos do indo-europeu propostos até então, seja pelos autores partidários da cisão de um *a* único, como Curtius (*a* primitivo que se enfraqueceu em *e*), seja pelos autores partidários de mais de um *a* originário, como Brugmann (*a*₁, *a*₂, que se transformaram em *e* e *o*), todos assumiam sempre três elementos para as línguas europeias: *e a ā*.

O que Saussure (1879 [1987], p. 50-52) postulou foi que as línguas europeias ‘do norte’ (por ex., Eslovo, lituano e germânico), tinham apenas duas vogais: *e, a*. Já para as línguas que denominou de ‘do sul’ (por ex., latim e grego), seria preciso considerar três vogais: *e, o, a*.

O *e* do sul correspondia ao *e* do norte; já ao *a* do norte correspondiam *a* e *o* do sul juntos, ou seja, o *a* do norte era um elemento complexo, em que dois fonemas [*a, o*] foram confundidos, ou seja, o que se conhecia até então como o *a* das línguas indo-europeias era, na verdade, um agrupamento heterogêneo de elementos.³² A conclusão que todos assumiram é que a distinção *e, o, a*, tal como aparecia em grego *ε, ο, α*, em latim *e, o, a*, em celta *e, o, a*, e com a mistura de *o*,

³¹ Swiggers (2008b) observa que Saussure descobrira as nasais sonantes em 1872, antes ainda do seu estudo de 1874: *Essai pour réduire les mots du grec, du latin & de l'allemand à un petit nombre de racines* [ms depositado em Houghton Library, Univ. de Harvard, 42 p.] e antes, portanto, de Brugmann (1876). Desde a leitura de Joseph (vide Joseph, 2012a, p. 152-158 e Joseph 2012b) do manual escolar de grego de Saussure, onde ele fizera anotações, a idade de Saussure quando da elaboração desse ensaio juvenil foi esclarecida: era 17 anos (vide também Koerner, 1971, p. 23; Joseph, 2007, p. 155-160; Swiggers, 2017, p. 4; Ottavi, 217, p. 153ss).

³² *e o a* representam o estado indo-europeu. Conclusões anteriores de Friedrich Amelung (1842-1909) e Brugmann (1876) reconheceram a mesma distinção (Meillet, 1903, p. 403).

a, em germânico e em leto-eslavo, representava o estado indo-europeu (cf. Meillet, 1903, p. 403).

O que Saussure anunciou desde as páginas iniciais do *Mémoire* é que pretendia [...] demonstrar o fato de que se trata de quatro termos diferentes [i.e. quatro *as* diferentes], e não de três”³³ (Saussure, 1987 [1879], p. 5). Observe-se sua afirmação abaixo, na mesma página:

Estas quatro espécies de *a* que vamos tentar encontrar na base do vocalismo europeu, nós as rastreamos até a estágios ainda mais antigos, e chegaremos à conclusão de que elas já pertenciam à língua mãe [i.e., o indo-europeu], de onde saíram as línguas do Oriente e do Ocidente (Saussure, 1987 [1879], p. 5).³⁴

Saussure hipotetizou que a vogal de base do PIE era *e*, e não *a*. Este *a* correspondia ao *a*₁ de Brugmann, representado por *e*, tanto nos dialetos do norte, quanto no greco-italico. Aqui estamos diante do embrião da linguística saussuriana (*a língua é forma, não substância*), que se desenvolveria diante de nós no século XX, a partir do *Cours*. A hipótese original de Saussure no *Mémoire* consiste em reconhecer que uma vogal sozinha poderia ser base de sílaba. O som exato que ela teria não é relevante, Saussure não argumenta teoricamente que se trata de um *e*, e não de um *a*. A existência *real* de *a*₁ é, como qualquer elemento de um sistema linguístico, um *valor*, gerado pela diferença entre ele e os outros elementos que compõem o mesmo sistema.³⁵

Saussure observou que as vogais *i*, *u* do PIE, assim como as nasais e líquidas, poderiam assumir funções (semi-)vocálicas, então, considerou todas como coeficientes sonânticos. Dependendo da presença ou ausência de [e] na raiz, *r*, *l*, *m*, *n* se tornariam sonantes, e *i*, *u* assumiriam uma função consonantal. Ou seja, Saussure hipotetizou que todas as raízes formadas por vogal consistiam na combinação entre o [e] do PIE + um coeficiente sonântico. Em certas condições, este [e] caía (*ablaut* quantitativo), e, em outras, ele se alternava com [o] (*ablaut* qualitativo), representado por *a*₂, na teoria de Brugmann.³⁶ Em vez de

³³ No original: “mettre en lumière le fait qu’il s’agit en réalité de quatre termes différents, et non de trois”.

³⁴ “Ces quatre espèces d’a que nous allons essayer de retrouver à la base du vocalisme européen, nous les poursuivons plus haut encore, et nous arriverons à la conclusion qu’ils appartenaient déjà à la langue mère d’où sont sorties les langues de l’Orient et de l’Occident”.

³⁵ Agradeço a John Joseph ter chamado minha atenção para este aspecto.

³⁶ “Termo inaugurado por Jakob Grimm em sua *Deutsche Grammatik* (Grimm, 1819-1832, v. 1, p. 546), significando a inflexão gramatical marcada pela variação da vogal de um morfema [...]. Tal modo de descrição foi utilizado extensivamente pela tradição gramatical do sânscrito, em que a vogal *a* breve e suas combinações recebe o nome técnico de *guṇa**, [lit.] ‘qualidade’, e a vogal *ā* longa e suas combinações recebe o nome de *vṛddhi** [...], [lit.] ‘crescimento’. O mesmo morfema pode, alternando essas vogais, ter *guṇa* (como na raiz *√bhāṛ*), ter *vṛddhi* (como em *√bhāṛi*), ou não ter nenhuma dessas duas vogais (como em *√bhṛ*). Neste último caso, o fonema *r*, pela ausência de vogais na sua vizinhança, passa a ser o núcleo silábico, denotado pelo anel subscrito. Esta alternância é chamada de *ablaut quantitativo*, já que entre o *a* breve e o *ā* longo a diferença dá-se apenas pela duração da vogal. Ao estado do morfema com *guṇa**, *a* breve, Grimm deu o nome de ‘*grau pleno*’; ao com *vṛddhi**, *ā* longo, ‘*grau alongado*’, e ao estado sem nenhuma dessas vogais, *grau-zero*, que se soe escrever *grau-ø*. Aplicando o mesmo modo de descrição nas “línguas do

se alternar com *o*, o *e* poderia, ainda, simplesmente desaparecer, resultando, assim, em uma raiz sem vogal, ou, de *grau zero*. O exemplo de Koerner (1988, p. 144) ilustra o quebra-cabeça:

$$\begin{aligned} & *peik- > *pik- \\ & *penk- > *p\eta k- \\ & *pet- > *pt \text{ (sem vogal)} \end{aligned}$$

Em suma, para Saussure, *i*, *u* não deveriam ser consideradas vogais, mas sim simples formas vocálicas de *y*, *w*, como o eram as nasais sonantes de Brugmann e as sonantes líquidas de Osthoff – ou seja, assim como *r̥ / m̥ / n̥* são as formas vocálicas de *r / m / n*. O indo-europeu teria apenas uma vogal com os timbres de *e*, *o* ou *zero*: ou seja, cada elemento morfológico teria um vocalismo do grau *e*, do grau *o*, ou do grau *sem vogal*, i.e. *grau zero*.

Saussure hipotetizou, ainda, em bases essencialmente teóricas, i.e., sem muitas evidências, a existência de mais dois *fonemas* no PIE, de valor fonético desconhecido, representados por ele por *A* e *Q* que não tinham realização sonora em nenhuma língua atestada. Esses fonemas foram deduzidos por ele a partir da distribuição de outros sons nas línguas deles derivadas, i.e., nas línguas-filhas. Esses dois coeficientes sonânticos apareceriam sozinhos somente em raízes de *grau zero*, e produziriam *a* e *o*, respectivamente, sendo que este *o*₂ é diferente daquele *o*₁ produzido por *ablaut*, e representado posteriormente por *shwa* [ə].

Assim, as vogais longas das línguas europeias resultaram da combinação das seguintes sequências:

$$e + *A = \bar{e}, \bar{a} \qquad e + *Q = \bar{o}$$

(Adaptado de Saussure, 1987 [1879], p. 135 e Joseph, 2012, p. 232)

O reconhecimento dos coeficientes sonânticos de Saussure pela comunidade científica foi lento e paulatino. Só anos mais tarde sua hipótese foi comprovada pelo acadêmico polonês Jerzy Kuryłowicz (1895-1978), que, a partir de cognatos do Hitita – descrito e classificado como língua indo-europeia desde 1915 –, postulou a existência de um fonema laringal, não atestado em nenhuma outra língua indo-europeia, a que corresponderia o coeficiente sonântico *A*, tal como deduzido por Saussure (vide Kuryłowicz, 1927).

A conclusão de Saussure foi que *antes* do split étnico entre as línguas europeias e as línguas asiáticas, uma nova vogal se introduzira no sistema do PIE:

Ocidente”, no entanto, encontram-se amiúde casos como no grego antigo *phérō* ‘eu carrego’ e *phrós* ‘que traz’, em que há a alternância entre as vogais *e* e *o*, em *pher* ~ *phor*; esse tipo de *ablaut*, dado que ambas vogais têm a mesma duração, é chamado de *ablaut qualitativo*, pois somente a *qualidade* da vogal de fato é alterada [...]” (Bikelis, 2023, p.36, glossário, com pequenas alterações; (vide, inclusive, referências do autor para o estado atual da questão e demais detalhes).

o ^{*A}, que ele postulou ser uma degenerescência dos coeficientes sonânticos *A* e *q*. Não era relevante, para Saussure, como teria sido a realização fonética deste ^{*A}, o importante era estabelecer que lugar o ^{*A} ocupava no sistema das vogais do primitivo indo-europeu.

O grande desafio do *Mémoire* era, pois, demonstrar logicamente a existência deste ^{*A}, já que todas suas manifestações haviam desaparecido ao longo da sua evolução, ou se transformado em outros sons, dependendo do grupo de línguas observado. O *sistema* das vogais do PIE de Saussure continha, pois, duas vogais, *e*, *o*, seis sonantes ao todo: *i*, *u*, *r*, *l*, *m*, *n*; e dois coeficientes sonânticos *A*, *q*.

O relevante para a reconstrução interna da história das línguas a que Saussure se propôs não era, pois, o estabelecimento do som intrínseco de cada segmento linguístico, mas sim, a *relação* deste segmento com os outros que lhes eram contemporâneos. Neste sentido, observe-se que o uso do termo *sistema* em Saussure é diferente daquele das expressões, ‘o sistema de Curtius’, ou o ‘sistema de Brugmann’, embora não tenha ainda todos os traços que serão atribuídos ao termo a partir do século XX (vide Koerner, 1988, p. 141; Sofia, 2017).

4. A entonação e a acentuação do lituano

Assim é que, na carta de 1894, de um lado, surpreendemos Saussure um tanto apreensivo pela proximidade do *X Congresso de Orientalistas*, que seria realizado em setembro daquele ano em Genebra, sob a presidência de seu tio, o egiptologista Édouard Naville (1844-1926). De outro, em entrelinhas, vemos Saussure ansioso para que o Congresso seja um sucesso: seria a ocasião ideal para o reconhecimento público dos seus estudos sobre o PIE, nesta ocasião, especificamente, sobre o acento do lituano (vide Saussure, 1922 [1894]). Uma apresentação bem-sucedida valeria como um desagravo às críticas que recebera no momento da primeira publicação do *Mémoire* (Saussure, 1987 [1879]). Além de, diga-se, possibilitar sua efetivação como professor da Universidade de Genebra, cargo que exigia a publicação prévia de textos relevantes para a especialidade. O sucesso lhe garantiria um lugar no cânone dos professores internacionalmente reconhecidos, posição, aliás, merecida (vide Koerner, 1988, p. 138; Joseph, 2009, p. 188; Joseph, 2012a, p. 406).

De fato, Saussure dá notícias, na carta a Meillet, sobre a publicação da primeira parte de um artigo seu sobre a entonação do lituano, a acontecer ainda naquele ano de 1894, à qual se seguiria uma segunda parte, segundo afirma, sobre a acentuação e sobre a *entonação leta*, que seria um efeito da acentuação, diz ele, *sem relação com a entonação lituana*, ou seja, uma evidência independente. Segundo Joseph, o anunciado artigo da carta é praticamente a

mesma versão do estudo sobre a acentuação do lituano que Saussure apresentara cinco anos antes, perante a *Société Linguistique de Paris*, em 1889 (Joseph 2012a, p. 399; 2009, p. 189).³⁷ Esta segunda parte nunca foi enviada e, portanto, nunca foi publicada.

Para se ter uma ideia da contribuição de Saussure no conjunto das discussões sobre o lituano, traço um desprezioso mapa do estado da questão até o momento da carta a Meillet, seguindo de perto Joseph (2009 e 2012a).

No último quartel do século XIX, os comparatistas sabiam que o lituano era uma língua que apresentava um sistema de casos nominais completo, o que era incomum entre as línguas do ramo báltico; um sistema de conjugações verbais, e um sistema vocálico conservador, comparável ao do grego antigo. Tal e qual o grego antigo, o lituano possuía um sistema de acentos parcialmente baseado em tons, mas, diferentemente do Eslavo, com o qual as línguas bálticas compartilhavam vários traços, o lugar em que os acentos do lituano caíam na palavra não correspondia ao lugar em que os acentos caíam nas palavras equivalentes em Eslavo. O interesse específico pelo lituano advinha, pois, das suas particularidades em relação às línguas vizinhas. A hipótese mais forte, até o momento de Saussure se debruçar sobre a questão, era que o lituano marcava o acento por aumento de volume e por entonação.

Assim é que Fridrich Kurschat,³⁸ em descrição das entonações do lituano, em 1849, estabeleceu que o acento tonal da língua assumia uma das três formas seguintes (*apud* Joseph 2009, p. 183; vide também Saussure, 1922 [1894], p. 503):

- a) (˘) = acento grave, só em vogais curtas;
- b) (˜) = acento circunflexo (*geschliffen* [doce]), só em vogais longas
- c) (˙) = acento agudo (*gestossen* [rude]), só em vogais longas

Dito de outra maneira, o acento tonal mudava para marcar de que tipo de entonação se tratava: se a), b), ou c). Como os acentos b) e c) se distribuía entre as vogais longas continuava um mistério.

É preciso observar que, na sua descrição das entonações do lituano, Kurschat usou as mesmas marcas de acento do grego antigo, que, por sinal, tinha seu próprio sistema de entonação. Em consequência (v. Joseph, 2009, p. 184), os comparatistas da época tendiam a assumir que o grego e o lituano tinham o mesmo sistema tonal, que seria, por sua vez, um sobrevivente direto do acento

³⁷ Seção de 9 de junho de 1889. *Bulletin de la Société de linguistique*, t. 7, p.73. Somente o ponto que diz respeito aos primitivos breves a, e, i, o [...] é um novo acréscimo, um pouco posterior à primeira apresentação do sistema (Saussure, 1922 [1894], p. 490, trad. CA).

³⁸ *Alias* Fridrichas Kursaitis (1806-1884), prussiano de ascendência lituana, autor de uma gramática do lituano de 1876, uma das fontes de Saussure na preparação do seu *Mémoire* (cf. Joseph, 2009, p. 183).

tonal do indo-europeu. Ou seja, o acento tonal seria uma característica do próprio indo-europeu, antes de se dividir em ramos linguísticos diferentes.

É a Filipp Fortunatov (1848-1914) que se atribui o *insight* que teria levado Saussure a avançar na explicação do problema. Fortunatov, em estudo de 1878, (Saussure, 1894 [1922], p. 496-497) e em continuidade a Kurschat, observou que:

- a) em lituano, as sílabas [lit.] = *ir, il, im, in* tinham a entonação correspondente à vogal longa do sânscrito, como em: [skr] = *īr, īl, īm, īn*, ou, também teriam a mesma entonação, se fossem precedidas por [skr] = *ūr, ūl, ūm, ūn*;
- b) mas, a entonação circunflexa do lituano (*geschliffen*) nesses mesmos casos, i.e., [lit.] = *ir, il, im, in* só ocorreria quando, na contraparte sânscrita, houvesse ou um *a* breve, ou uma das sonantes *r, l, m, n* sozinha;
- c) mais ainda, o conjunto das entonações agudas do lituano que correspondia às vogais longas do sânscrito, também correspondia regularmente ao *o* longo [ō] do grego, e ao *a* longo [ā] do latim.

Como se percebe, o relevante para a reconstrução *interna* do indo-europeu pelo método histórico-comparativo não é a ‘igualdade’ entre as formas de duas línguas historicamente relacionadas, mas sim a constância das suas diferenças. Vendo que as correspondências se estendiam por dois ramos da família indo-europeia, um asiático e outro europeu, Fortunatov concluiu que, na língua mãe (i.e., no indo-europeu), esses dois conjuntos de palavras [i.e., aqueles que continham palavras com as sílabas mencionadas em a), b), e c) acima] se distinguíam pelo tom. Fora da Lituânia, essa distinção se perdera, exceto pelo traço que deixou na extensão da vogal, todas são longas.

Análises posteriores invalidaram a conclusão de Fortunatov, mas, o que Saussure viu neste estudo foi a possibilidade de as distinções de acento do lituano manterem alguns traços da língua mãe indo-europeia, indiretamente, e não somente no que dizia respeito à entonação.

O ponto central da comunicação de Saussure no *X Congresso* de 1894, *A propos de l'accentuation lituanienne* [A acentuação lituana em função da entonação] (Koerner, 1971), era a relação entre as três entonações possíveis do lituano – marcadas pelo acento (*tonal*) grave (˘), nas vogais breves; e agudo (˙), ou circunflexo (ˆ) nas vogais longas – e o lugar em que a acentuação (*acento tônico*) ocorria na palavra. Ou seja, sabia-se que o acento tonal grave ocorria nas vogais breves, mas a distribuição dos acentos tonais agudo (*geschliffen*) e circunflexo (*gestossen*) (vide Saussure, 1922 [1894], p. 490) nas sílabas longas de uma palavra do lituano parecia não seguir nenhuma regra (vide Kurschat

acima). Em outras palavras, o problema abordado por Saussure neste momento era explicar a *relação* entre as entonações do lituano e seu acento tônico. Haveria uma relação de dependência entre os dois elementos? Ou, nesta língua, a entonação seria uma propriedade das sílabas do lituano, independente do acento tônico? Na sua formulação de 1894, lê-se:

Isto estabelece claramente o terreno sobre o qual se assenta um estudo das entonações. Não se trata mais, decididamente de, sob este nome, explorar um fato que acompanha em lituano o acento tônico, mas um fato que acompanha a quantidade longa [em nota Saussure adverte que o mesmo vale para as semi-longas]. As entonações são uma parte integrante da prosódia das sílabas lituanas: elas não estão em nenhuma relação necessária com o acento (Saussure, 1922 [1894], p. 491).³⁹

Para Saussure, pois, não se trata de estabelecer uma relação causal entre a tonicidade e o tipo de entonação: todas as sílabas do lituano têm uma entonação, i.e., faz parte do sistema da língua. Nas sílabas átonas, é como se a entonação estivesse ‘escondida’, subjacente, diríamos hoje. O que o acento tônico faz é torná-las visíveis.

Considerações finais: o epistemólogo

Não se pode também deixar de notar, pela carta, o tom desgostoso de Saussure ao se referir à Linguística que lhe era contemporânea, i.e., à Linguística Histórico-Comparativa, notadamente por sua terminologia imprecisa, à qual lhe era impossível atribuir, como disse, um sentido que fosse. A superação de tal estado de coisas dependia, para Saussure, de ampla e trabalhosa reforma, não só para dizer *que espécie de objeto é a língua* (grifo meu), como para mostrar ao linguista *o que ele faz* (Saussure, 1964 [1894], p. 95). Reconhece-se, nesses termos, traços do pensamento saussuriano que ficariam ligados a ele em todas as reflexões posteriores que motivou.

Swiggers (2008a, n. 1), inclusive, avalia que o texto *De l'essence double du langage* – descoberto em 1996 – teria sido escrito justamente por volta de 1893-1894.⁴⁰ Tal convergência de datas equivale a dizer que as reflexões de Saussure sobre a dualidade da linguagem, contemporâneas à carta que nos serve de epígrafe, refletem um estágio do seu pensamento sobre a natureza da

³⁹ “Ceci établi clairement le terrain sur lequel une étude des intonations se trouve placée. Il ne s’agit décidément plus, sous ce nom, d’explorer un fait qui accompagne en lituanien l’accent tonique, mais un fait qui accompagne la QUANTITÉ LONGUE [en note: les semi-longues aussi]. Les intonations sont une partie intégrante de la prosodie des syllabes lituanienes; elles ne sont dans aucun rapport nécessaire avec l’accent”.

⁴⁰ “« De l’essence double du langage » découvert en 1996 [...], texte qui à notre avis doit être daté autour des années 1893-94 (cf. l’emploi du terme figure vocale; la réflexion sur le point de vue et le point de départ en linguistique; le recours à l’expression destitué d’une unité naturelle/d’un rapport naturel, etc.); [...]” (Swiggers, 2008a, n. 1, p. 3).

disciplina linguística: nem natural, nem histórica, mas semiológica. Essas ideias tomarão uma forma mais definitiva, como sabemos, tanto a partir dos três cursos orais de Linguística Geral, que proferiu em Genebra entre 1907 e 1911, quanto a partir da publicação póstuma do seu *Curso de Linguística Geral* (Saussure, 1970 [1916]). Se o Saussure de 1894 já começara a organizar a prática descritiva do linguista comparatista, incluindo sua terminologia desordenada, ou se instituía uma nova epistemologia sobre o que é a Linguística e sobre qual é a tarefa do linguista, como sugerido na carta, continua aberto a interpretações.⁴¹

O que apreendemos é que a aversão de Saussure por cartas, sua *epistolofobia*, que podemos entender como uma certa preguiça de escrever – preguiça essa confessada, aliás, pelo próprio Saussure, que declarara a Paul Boyer, em carta de 30 de dezembro de 1892, sofrer de *une paresse invincible* desde que se casara (Joseph, 2012a) – se estendera também a outros escritos: *De l'essence double* não é um texto preparado para publicação.

Como que pré-anunciando um futuro só capturável pelo historiógrafo onisciente, ao final da carta, Saussure antevê, *malgré lui*, a elaboração, sem entusiasmo e nem paixão, são seus termos, de um livro de Linguística Geral, que, como sabemos, também nunca chegou a publicar.

O ano de 1894 representa, pois, simbolicamente, o momento teórico em que sua prática de análise em linguística histórico-comparativa atingiu maturidade o suficiente para lhe permitir ir além da realidade concreta dos dados linguísticos e propor uma teoria. Com efeito, a reconstrução *interna* da história das línguas a que Saussure se propunha, desde o *Mémoire*, não era o estabelecimento do som intrínseco de cada segmento linguístico, mas sim a *relação* deste segmento com outros que lhe eram contemporâneos.

Difícil, pois, pensar em dois Saussures, um, especialista em gramática histórico-comparativa e outro, generalista, depois de conhecer o *Mémoire* e seus textos sobre o lituano (cf. Morpurgo-Davies, 1994, p. 224; Koerner, 2000, p. 8). A carta de 1894 deixa transparecer inclusive sua contrariedade, ao admitir ter que suspender o trabalho histórico, que o apaixonava, para organizar, conceptual e metodologicamente, uma Linguística Geral (Jäger, 2016; Vallini, 2013; Schneider, 2016).

A conclusão é que a elaboração de uma teoria linguística não é, de fato, linear e, muito menos, absoluta. O trabalho de Saussure de 1879 reflete inevitavelmente o clima intelectual em que se inseria no último quartel do século XIX, a um tempo histórico e estrutural: o conceito de sistema, em que a *relação* entre as partes que o compõem é que determina a natureza de um fenômeno linguístico, e não o seu aspecto intrínseco, ou a sua materialidade. Para alguns, as formulações de Saussure (1879) refletem, em certa medida, a episteme da

⁴¹ Para uma amostra da discussão crítica, e controversa, do pensamento saussuriano sobre este momento, vide Rastier, 2013, e, entre várias outras, as resenhas de Thenault, 2014 e Testenoire, 2015.

época (Tsiapera, 1992; Caussat, 1978; Koerner, 1975); para outros, Saussure promoveu uma forte ruptura com seu tempo (Joseph, 2021). Deixo, por ora, a conclusão em aberto. Mas vale a reflexão: até que ponto, também para nossa ciência, o século XX teria começado antes? Nas últimas décadas dos 1800? ●

Referências

ALTMAN, Cristina. Sobre mitos e história. A visão retrospectiva de Saussure nos três cursos de linguística geral. In: FIORIN, José Luiz; FLORES, Valdir do Nascimento; BARBISAN, Leci Borges. (org.). *Saussure: a invenção da Linguística*. São Paulo: Contexto, 2013, p. 21-32.

BENVENISTE, Émile. Lettres de Ferdinand de Saussure à Antoine Meillet. *Cahiers Ferdinand de Saussure*, v. 21, p. 91-125, 1964. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/27758046>. Acesso em: 24 set. 2023.

BIKELIS, Edgard. *Uma proposta de tradução do Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes, 1879, de Ferdinand de Saussure*. 2023. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023. Disponível em:

<https://doi.org/10.11606/T.8.2023.tde-26092023-122635>. Acesso em: 27 set. 2023.

BOPP, Franz. *Ueber das conjugationssystem der sanskritsprache in vergleichung mit jenem der griechischen, lateinischen, persischen und germanischen sprache*. Hildesheim: Georg Olms, 1975 [1816].

BORGES NETO, José. Origem, evolução e história das línguas. In: VIEIRA, Francisco Eduardo; BAGNO, Marcos. (org.). *História das línguas, história da Linguística*. Homenagem a Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Parábola, 2020. p. 253-286.

BRUGMANN, Karl. Nasalis sonans in der indogermanischen grundsprache. *Studien zur griechischen und lateinischen grammatik*, v. 9, p. 285-338, 1876.

CAUSSAT, Pierre. La querelle et les enjeux des lois phonétiques. Une visite aux néogrammairiens. *Langages*, v. 49, p. 24-45, 1978. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/41681003>. Acesso em: 24 set. 2023.

GODEL, Robert. *Les sources manuscrites du Cours de Linguistique Générale de F. de Saussure*. Genève/Paris: Droz/ Minard, 1957.

GOLSTON, Chris. Wackernagel's Law II (V'S). In: GIANNAKIS, Georgios (ed.). *Encyclopedia of Ancient Greek Language and Linguistics*. Leiden: Brill, 2014.

JÄGER, Ludwig. Les notes de l'orangerie et leur signification pour la théorie saussurienne du langage. *Arena Romanistica*, n. 12, p. 47-77, 2013.

JOSEPH, John. Les « Souvenirs » de Saussure revisités. *Langages*, v. 185, p. 125-139, 2012b. Disponível em: <https://doi.org/10.3917/lang.185.0125>. Acesso em: 27 set. 2023.

JOSEPH, John. Modernity and modernism in the study of language. *Anglo-American Exchanges*, c. 1918–1980, p. 182-201, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1017/9781316795514.008>. Acesso em: 24 set. 2023.

JOSEPH, John. *Saussure*. Oxford: Oxford University Press, 2012a.

JOSEPH, John. Two mysteries of Saussure's early years resolved. *Historiographia Linguistica*, v. 34, n. 1, p. 155-166, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1075/hl.34.1.22jos>. Acesso em: 27 set. 2023.

- JOSEPH, John. Why Lithuanian accentuation mattered to Saussure. *Language and History*, v. 52, n. 2, p. 182-198, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1179/175975309X452067>. Acesso em: 24 set. 2023.
- KOERNER, Ernst Frideryk Konrad. European structuralism: early beginnings. In: SEBEOK, Thomas Albert. *Current trends in Linguistics. Historiography of Linguistics*. Paris: The Hague Mouton, 1975. v. 13. p. 717-827. Disponível em: https://epub.uni-regensburg.de/19901/18/seventeenth_century.pdf. Acesso em: 27 set. 2023.
- KOERNER, Ernst Frideryk Konrad. Ferdinand de Saussure: origin and development of his linguistic theory in western studies of language. A critical evaluation of the evolution of saussurean principles and their relevance to contemporary linguistic theories. 1971. PhD Dissertation (General Linguistics) – Department of Modern Linguistics, Simon Fraser University, Greater Vancouver, 1971. Disponível em: https://summit.sfu.ca/_flysystem/fedora/sfu_migrate/2954/b11119603.pdf. Acesso em: 27 set. 2023.
- KOERNER, Ernst Frideryk Konrad. *Ferdinand de Saussure: origin and development of his linguistic thought in Western studies of language. A contribution to the history and theory of linguistics*. Braunschweig: Friedrich Vieweg & Sohn, 1973.
- KOERNER, Ernst Frideryk Konrad. Saussure's importance in 20th-century linguistic thought. *The Kyushu review*, v. 5, p. 5-16, 2000.
- KOERNER, Ernst Frideryk Konrad. The place of Saussure's *Mémoire* in the development of historical linguistics. In: *Saussurean Studies / Études saussuriennes*. Avant-propos de Rudolf Engler. Geneva: Slatkine, p. 137-153, 1988. [1a ed. In: CARDONA, George; ZIDE, Norman (eds.). *Festschrift for Henry Hoenigswald: on the occasion of his seventieth birthday*. 1. ed. Tübingen: Gunter Narr, p. 201-217, 1987.]
- KOMATSU, Eisuke (ed.). *F. de Saussure, Deuxième Cours de Linguistique Générale (1908-1909), d'après les cahiers d'Albert Riedlinger et Charles Patois / Saussure's Second Course of Lectures on General Linguistics (1908-1909), from the notebooks of Albert Riedlinger and Charles Patois*. Trad. George Wolf. Oxford: Pergamon Press, 1997.
- KURYŁOWICZ, Jerzy. Indo-European ə and Hittite h . In: TASZYCKI, Witold; DOROSZEWSKI, Witold. (eds.). *Symbolae grammaticae in honorem Ioannis Rozwadowski*. Cracow: Gebethner & Wolf, p. 95-104, 1927.
- KURYŁOWICZ, Jerzy. *Lecture du «Mémoire» en 1978: Un commentaire*. Cahiers Ferdinand de Saussure, v. 32, p. 7-26, 1978.
- MEILLET, Antoine. De quelques difficultés de la théorie des gutturales indo-européennes. *Mémoires de la Société de Linguistique de Paris*, v. 8, p. 277-304, 1894.
- MEILLET, Antoine. *Introduction à l'étude comparative des langues indo-européennes*. Paris: Hachette, 1903.
- MORPURGO-DAVIES, Anna. La linguistica dell'Ottocento. In: LEPSCHY, Giulio (ed.). *Storia della Linguistica*. Bologna: Il Mulino, v. 3, p. 11-399, 1994.
- OSTHOFF, Hermann; BRUGMAN, Karl. Preface to *Morphologische Untersuchungen auf dem Gebiete der indogermanischen Sprachen 1*. Leipzig: S. Hirzel, 1878. p. 3-20.
- OSTHOFF, Hermann. Zur Frage des Ursprungs der germanischen n-Declination (nebst einer Theorie über die ursprüngliche Unterscheidung starker und schwacher casus im Indogermanischen). *Beiträge zur Geschichte der deutschen Sprache und Literatur*, v. 3, n.1, p. 1-89, 1876.

- OTTAVI, Giuseppe. Nine easy pieces: os manuscritos de Saussure em Harvard. *Cadernos de Historiografia Linguística*, São Paulo, v. 2, p. 153-177, 2017. Disponível em: https://cedoch.fflch.usp.br/sites/cedoch.fflch.usp.br/files/u63/cadernos_2_2017-07-02.pdf. Acesso em: 23 set. 2023.
- RASTIER, François (dir.). De l'essence double du langage et le renouveau du saussurisme. *Arena Romanistica*, v. 12, 2013.
- SAUSSURE, Ferdinand de. Accentuation lituanienne. In: Saussure, p. 526-538, 1922. [1a ed., *Indogermanische Forschungen* 4 [= Festschrift August Leskien], p. 456-538, 1896.]
- SAUSSURE, Ferdinand de. A propos de l'accentuation lituanienne. Ed. de E. Benveniste, 1964. In: Saussure, p. 490-512, 1922. [1a ed., *Mémoires de la Société de Linguistique de Paris*, v. 8, p. 425-446, 1894.]
- SAUSSURE, Ferdinand de. [BSG ms_fr_1599. [cópia da carta de Ferdinand de Saussure à Antoine Meillet, 1894]. *Biblioteca Pública de Genebra*, punho de Mme. Meillet, 1894b.
- SAUSSURE, Ferdinand de. [BSG ms_fr_1832. [Lettres de Ferdinand de Saussure à Antoine Meillet [1894-1911]]. *Biblioteca Pública de Genebra*, punho de Ferdinand de Saussure, 1894a.
- SAUSSURE, Ferdinand. *Cours de linguistique générale*. Ed. Charles Bally e Albert Sechehaye. Lausanne/Paris: Payot, 1916.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *De l'emploi du génitif absolu en sanskrit*. Thèse de Doctorat, Faculté de Philosophie, Université de Leipzig, Leipzig, 1880.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Écrits de linguistique générale*. Ed. Simon Bouquet e Rudolf Engler. Paris: Gallimard, 2002. [= *ELG*]
- SAUSSURE, Ferdinand de. Essai d'une distinction des différents *a* indo-européens. *Mémoires de la Société de Linguistique de Paris*, v. 3, n. 5, p. 359-370, 1877.
- SAUSSURE, Ferdinand de. Essai pour réduire les mots du grec, du latin et de l'allemand à un petit nombre de racines. 1. ed. 1874. *Cahiers Ferdinand de Saussure*, v. 32, p. 76-101, 1978.
- SAUSSURE, Ferdinand de. Lettres de Ferdinand de Saussure à Antoine Meillet [1894-1911]. Ed. de Émile Benveniste. *Cahiers Ferdinand de Saussure*, v. 21, p. 93-123, 1964.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes*. Hildesheim: Georg Olms, 1968 / 1987. [1. ed., Leipzig: B. G. Teubner, 1879.]
- SAUSSURE, Ferdinand de. Recueil des publications scientifiques de Ferdinand de Saussure. Ed. anonimamente por Charles Bally e Léopold Gautier. Geneva/ Lausanne/ Heidelberg: Sonor/ Payot/ Carl Winter, 1922.
- SCHLEGEL, Friedrich von. *Über die Sprache und die Weisheit der Indier*. Heidelberg: Mohr und Zimmer, 1808.
- SCHNEIDER, Vitor Jochims. *Notes sur l'accentuation lituanienne: uma ciência em construção*. 2016. Tese de Doutorado (Doutorado em Letras), Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/142935>. Acesso em: 27 set. 2023.
- SOFIA, Estanislao. A noção de 'sistema' no *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes* de F. de Saussure 1879. *Cadernos de Historiografia Linguística*, São Paulo, v. 2, p. 50-61, 2017. Disponível em: https://cedoch.fflch.usp.br/sites/cedoch.fflch.usp.br/files/u63/cadernos_2_2017-07-02.pdf. Acesso em: 23 set; 2023.

SWIGGERS, Pierre. *Ferdinand de Saussure et Antoine Meillet devant l'objet de la Linguistique Générale*: approche archéologique et dianoématique d'une science en élaboration [Manuscrito]. São Paulo, Universidade de São Paulo, 35 p., 2008a.

SWIGGERS, Pierre. *Le cheminement de Saussure*: le parcours par le *Cours de Linguistique Générale*. Handout de conferência proferida na Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008b.

SWIGGERS, Pierre. O *Curso de Linguística Geral*: história e estrutura. *Cadernos de Historiografia Linguística*, São Paulo, v. 2, p. 4-27 2017. Disponível em: https://cedoch.fflch.usp.br/sites/cedoch.fflch.usp.br/files/u63/cadernos_2_2017-07-02.pdf. Acesso em: 23 set. de 2023.

TESTENOIRE, Pierre-Yves. Compte rendu de Arena Romanistica 12: De l'essence double du langage et le renouveau du saussurianisme. *Cahiers Ferdinand de Saussure*, v. 67, p. 309-315, 2014.

THENAULT, Baltaretu Créola. Compte rendu de François Rastier (dir.). *Recherches sémiotiques / Semiotic Inquiry*, v. 34, n. 1-2-3, p. 313-322, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.7202/1037159ar>. Acesso em: 24 set. 2023.

TSIAPERA, Maria. Structuralism in the early work of Saussure. *The SECOL Review*, v. 16, p. 88-103, 1992.

VALLINI, Cristina. *Studi Saussuriani*. Introduzione e cura di Valentina Russo. Nápoles: Università degli studi di Napoli 'L'orientale', pt. 1, p. 7-169, 2013.

WACKERNAGEL, Jacob. Beiträge zur Lehre vom griechischen Akzent. *In: Kleine Schriften. Von Alfred Von Gutschmid*. Bd. Schriften zur Griechischen Geschichte und Literatur. Leipzig: B. G. Teubner, 1893. p. 1094.

Anexo: A carta Saussure-Meillet, (v. Saussure 1894b), (BSG ms_fr_1599)

2

Cher Monsieur Meillet

Vous me faites du bien en parlant presque au début de votre lettre de novembre de votre épistologobie, en ce que je vois que je parle à quelqu'un qui ne sera pas incapable d'excuser la mienne. Pour le reste, il paraît, et je m'en félicite, que le mal n'est pas encore chez vous à son extrême période. Sérieusement, j'ai été bien touché de votre lettre, comme j'avais été tout à fait désolé de ma mauvaise chance à Paris. Je ne puis me pardonner encore à présent de ne vous avoir pas donné rendez-vous d'avance. D'un autre côté le jour de mon passage à Paris dépendait de plusieurs circonstances, et j'aurais pu être forcé au dernier moment de la remettre de trois jours, c'est ce qui me déconseillait de vous en avertir par lettre; j'étais trop incertain de la date.

J'aurais été bien intéressé d'entendre vos différentes théories nouvelles sur l'accent. Les détails que vous m'écrivez ne me donnent encore qu'une idée très vague par exemple sur ce que peut être votre accent d'intensité du grec et la manière dont il serait distribué selon les syllabes. Si l'existence de cet accent se confirme, je comprends parfaitement qu'il entraîne des effets phonétiques, tandis que je ne puis que rester très sceptique à l'endroit des prétendus effets phonétiques de l'accent jusqu'ici connus, par exemple quand Wackernagel soutient que -epō- donne -epō- ou epō- suivant les conditions d'accent, ou quand Frankfurter veut que les

²
 deux traitements de voyelle +pj ou vj (χdipw avec ³
 épenthèse, mais φθcipw = φθipw sans épenthèse) dépendent
 également de conditions Toniques. Je pose un point d'in-
 terrogation, c'est-à-dire de curiosité encore plus grand
 quand j'apprends que la chute de l'é indo-européen
 ne dépend plus du Ton. Entendons-nous: il y a beaucoup
 de chutes d'e qui ne coïncident pas du tout avec le
 Ton, mais vous me laissez entendre que c'est la même
 où la coïncidence paraît claire que vous niez le rapport de
 cause à effet. Ainsi, je suppose, dans imés comparé à
limi ??

A propos d'accent, avez-vous vu que Wackernagel
 dans son dernier Travail, très intéressant, sur l'Accent grec
 vous applaudit pour l'explication de ἐϑόδε, tout en re-
 présentant la forme sommaire où elle est conçue. J'ai
 bien peur, entre nous, qu'il n'y ait au fond malenten-
 -due, et que votre idée ne soit pas du tout la sienne.

J'ai commencé à lire votre second article sur les Qué-
 Turques, mais j'ai été interrompu par les fêtes de fin
 d'année qui m'ont empêché de m'occuper depuis une
 quinzaine. Je suis actuellement à Genève même et ne re-
 tournerai à Malapuy que le 20 Janvier.

Vous avez reçu ces jours-ci la circulaire d'invita-
 tion au X^e Congrès des Orientalistes, et je n'ai pas
 besoin de vous dire que je me berce fermement de l'espoir
 de vous y voir. Ce serait trop dommage véritablement qu'un
 un de nos amis de Paris manquât à cette fête, et certain-
 ment sans faire intervenir mon souhait personnel, je crois
 que chacun aura là une occasion très facile, très naturelle

3/ beaucoup plus difficilement retrouvable par la suite, de faire connaissance avec tous les hommes importants d'une spécialité. Celle des langues indo-européennes sera très fortement représentée comparativement aux Congrès précédents; mais vous avez du reste un double titre à prendre part au Congrès, à la fois comme accusé - méritant, donc comme Orientaliste proprement dit, et comme simple "linguiste comparatif", ce qui est mon pauvre titre à figure je ne sais trop pourquoi dans la Comité d'organisation, sans que j'ai jamais fait de l'orientalisme. Comme du reste nous avons surtout des linguistes dans la Comité général Suisse que nous avons pu constituer, il est à prévoir, comme je le disais, que nous aurons des univers d'indo-permanisme. Je doute peu que Brugmann ~~etc~~... soient présents.

Le commencement de mon article sur l'intonation va paraître. Le 2^e article terminera ce que je veux dire sur l'intonation et contiendra 2^e mes remarques sur l'accentuation, ainsi que sur l'intonation letta qui est (vous l'avez-je dit?) un effet de l'accentuation - sans rapport avec l'intonation lituanienne!! Mais je suis bien dégoûté de tout cela, et de la difficulté qu'il y a en général à écrire seulement dix lignes ayant le sens commun en matière de faits de langage. Préoccupé surtout depuis longtemps de la classification logique de ces faits, de la classification des points de vue sous lesquels nous les traitons, je vois de plus en plus à la fois l'immensité du travail qu'il faudrait pour montrer au linguiste ce qu'il fait, en réduisant chaque opération à sa catégorie propre; et en même temps l'assez grande vanité de tout ce qu'on peut faire finalement en linguistique.

C'est en dernière analyse, seulement le côté pittoresque d'une langue, celui qui fait qu'elle diffère de toutes les autres

⁴ Comme appartenant à un certain peuple ayant certaines origines, c'est à côté presque ethnographique, qui conserve pour moi un intérêt: et précisément je n'ai plus le plaisir de pouvoir me livrer à cette étude sans arrière-pensée et de jurer du fait particulier tenant à un milieu particulier.

Sans cette inexplicite de la terminologie courante, la nécessité de la réformer, et de montrer pour cela quelle espèce d'objet est la langue en général, vient gêner mon plaisir historique, quoique je n'ai pas de plus cher vœu que de ne pas avoir à m'occuper de la langue en général.

Cela finira malgré moi par un livre où, sans enthousiasme ni passion, j'expliquerai pourquoi il n'y a pas un seul terme employé en linguistique auquel j'accorde un sens quelconque. Et ce n'est qu'après cela, je l'avoue, que je pourrai reprendre mon travail au point où je l'avais laissé.

Voilà une disposition, peut-être stupide, qui expliquerait à Dieu pour quoi par exemple j'ai fait traîner plus d'un an la publication d'un article qui n'offrait, matériellement, aucune difficulté, - sans arriver d'ailleurs à éviter les expressions logiquement odieuses, parcequ'il faudrait pour cela une réforme décidément radicale.

Je vous adresse, cher Monsieur Millot, mes meilleurs vœux pour la nouvelle année, et vous prie de ma part

Votre affectueux dévoué
4 janvier (1894?) V. de Saussure

Permettez-moi un petit mot post-scriptum. Vous voulez bien m'appeler votre maître, et je serais bien flatté d'avoir mérité ce titre en quoi que ce soit. Mais je tiens encore davantage à un autre, et si vous le voulez bien, nous correspondrons désormais entre amis.

In the year 1894, a letter from Saussure to Meillet

 ALTMAN, Cristina

Abstract: Under the pretext of contextualizing the celebrated 1894 letter from Ferdinand de Saussure (1857-1913) to Antoine Meillet (1866-1936), the article revisits some Saussurean linguistics themes, in the last decades of the 19th century: the Indo-European Linguistics; the Primitive Indo-European vocalic system; the sonantic coefficients; Lithuanian's accent and intonation; Saussure's discontentment with the state of the art of Linguistics and the necessity to work on a General Linguistics book that offered the necessary conceptual and methodological instruments to deal with the massive amount of data that the 20th century inherited from its predecessors. The conclusion suggests the opportunity to revise the periodization criteria of the traditional manuals of the history of Linguistics that, in general, consider the Course in General Linguistics (Saussure, 1916), as the great shibboleth between Historical-Comparative Linguistics and 'modern' Synchronic Linguistics.

Keywords: Indo-European Linguistics; Indo-European vocalism; Mémoire 1879; Saussure; Linguistics paradigms.

Como citar este artigo

ALTMAN, Cristina. No ano de 1894, uma carta de Saussure a Meillet. *Estudos Semióticos* [online], vol. 19, n. 3. São Paulo, dezembro de 2023. p. 1-27. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/esse>. Acesso em: dia/mês/ano.

How to cite this paper

ALTMAN, Cristina. No ano de 1894, uma carta de Saussure a Meillet. *Estudos Semióticos* [online], vol. 19, issue 3. São Paulo, December 2023. p. 1-27. Retrieved from: <https://www.revistas.usp.br/esse>. Accessed: month/day/year.

Data de recebimento do artigo: 15/08/2023.

Data de aprovação do artigo: 20/09/2023.

Este trabalho está disponível sob uma Licença Creative Commons CC BY-NC-SA 4.0 Internacional.

This work is licensed under a Creative Commons CC BY-NC-SA 4.0 International License.

